

**2ª Sessão do Seminário Permanente  
Braga, 19 de Maio**

**Marco Antonio Casanova**

**Nilismo e tédio:**

**A concepção heideggeriana das tonalidades afetivas fundamentais fáticas  
em sua relação com o projeto de mundo contemporâneo**

**Resumo:** Tanto em *Ser e tempo* quanto nas preleções do final da década de 1920, Heidegger atribui às tonalidades afetivas um papel de descerramento do mundo. Nesse contexto, as tonalidades afetivas não se mostram como sentimentos subjetivos fugazes que não possuem nenhum valor de verdade, mas muito mais como instâncias originárias de abertura do ser-aí para o mundo no qual ele se encontra desde o início jogado. Assim, nós nos deparamos aqui imediatamente com uma relação essencial entre as tonalidades afetivas e a facticidade do mundo de cada ser-aí: é só por meio das tonalidades afetivas que o ser-aí pode efetivamente concretizar o poder-ser que é a partir do horizonte sedimentado de seu mundo fático, conquistando com isso a si mesmo como ser-no-mundo. Essa relação prepara o terreno para a formulação de uma questão que nunca foi explicitamente colocada pelo próprio Heidegger, mas que se encontra de algum modo pressuposta na afirmação heideggeriana do tédio como uma tonalidade afetiva fundamental de nosso filosofar atual: qual é a tonalidade afetiva fundamental do mundo fático contemporâneo em sua articulação com o niilismo enquanto acontecimento apropriativo do abandono do ser? O objetivo de nosso texto é responder a essa questão. Para tanto, nós o dividimos em três partes: 1) A concepção heideggeriana das tonalidades afetivas fundamentais fáticas; 2) Niilismo e perda de si próprio; 3) Niilismo e tédio. A nossa hipótese primordial de leitura é a de que a concepção do niilismo como abandono do ser implica uma inviabilização radical do si próprio do ser-aí que tem por consequência justamente o tédio como tonalidade afetiva fundamental.